

**PLÍNIO SALGADO E O FASCISMO BRASILEIRO PÓS-  
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: A COLUNA «CARTA DE  
PRINCÍPIOS» NO SEMANÁRIO PORTUGUÊS A NAÇÃO<sup>(1)</sup>**  
**PLÍNIO SALGADO AND BRAZILIAN FASCISM POST-WORLD  
WAR II: THE «LETTER OF PRINCIPLES» COLUMN IN THE  
PORTUGUESE NEWSPAPER *THE NATION***

LEANDRO PEREIRA GONÇALVES  
Universidade Federal de Juiz de Fora  
leandro.goncalves@ufjf.br  
<https://orcid.org/0000-0002-9233-1098>

GABRIELA SANTI PACHECO  
Universidade de Coimbra  
gabriela.pacheco@uc.pt  
<https://orcid.org/0000-0002-8778-245X>

Texto recebido em / Text submitted on: 30/09/2023  
Texto aprovado em / Text approved on: 15/02/2024

### Resumo

Após a Segunda Guerra Mundial, período marcado pela reconfiguração política em meio ao contexto global de ascensão neofascista, foi fundado, em Portugal, o semanário nacionalista *A Nação*. Esse periódico promovia, em suas páginas, debates com influentes intelectuais simpatizantes do fascismo e do nacional-socialismo.

---

(1) A pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq, Brasil), pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG, Brasil) e pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT, Portugal – 2023.00597.BD).

Plínio Salgado, líder do fascismo brasileiro exilado em Portugal entre 1939 e 1946, figurava nas páginas desse jornal, tanto como objeto de notícias como enquanto colaborador. Por meio da coluna «Carta de Princípios», contribuía com textos que se alinhavam ao projeto que desejava implementar no Brasil com o Partido de Representação Popular (PRP). Este artigo tem como objetivo analisar a atuação de Salgado nesse periódico, que ocorreu após o seu retorno ao Brasil, em 1946, buscando visualizar elementos do fascismo brasileiro. Ademais, tenciona-se explorar a crise financeira em torno do jornal e sua repercussão na figura do líder fascista.

### Palavras-chave

Integralismo brasileiro; *A Nação*; Plínio Salgado; Fascismo; Nacionalismo.

### Abstract

After the Second World War, a period marked by the global context of neo-fascist rise, the newspaper *The Nation* was founded in Portugal. In this journal, debates were promoted by influential intellectuals sympathetic to fascism and national socialism. Plínio Salgado, leader of Brazilian fascism exiled in Portugal between 1939 and 1946, appeared on the pages of this newspaper, both as an object of news and as a contributor. Through the «Letter of Principles» column, he published texts aligned with the project he wanted to implement in Brazil with the Popular Representation Party (PRP). This article aims to analyze Salgado's work in this periodical, which occurred after his return to Brazil in 1946, seeking to visualize elements of Brazilian fascism. Furthermore, it is intended to explore the financial crisis surrounding the newspaper and its repercussions on the figure of the fascist leader.

### Keywords

Brazilian integralism; *The Nation*; Plínio Salgado; Fascism; Nationalism.

## Plínio Salgado entre Brasil e Portugal: relações político-intelectuais

Em Lisboa, às 12h, no dia 15 de maio de 1962, Plínio Salgado, o histórico líder fascista brasileiro adentrou na residência particular do Presidente do Conselho de Ministros do governo ditatorial do Estado Novo, António Oliveira Salazar<sup>(2)</sup>. Naquele momento, o assunto debatido

---

(2) Importantes estudos sobre o Estado Novo de Salazar foram produzidos por Rosas (1989), Pinto (1992), Loff (2008), Torgal (2009), entre outros.

foi a questão ultramarina, que era preocupação do governo português. Ademais, discutiram sobre a política brasileira em África, bem como a relação bilateral no âmbito luso-brasileiro (Salazar 1962). Ao sair da reunião, declarou aos jornalistas «Com Salazar aprende-se muito» (Salgado 1962).

Estar ao lado do líder português representou muito para o intelectual brasileiro, que o enxergava como modelo político. Da mesma forma, Portugal conformou-se como um elemento fundamental na consolidação das concepções político-intelectuais de Salgado: na primeira metade do século XX, por meio de uma associação entre as matrizes vindas da infância, da juventude e da interlocução com modernistas, desenvolveu uma série de apropriações de ideias que estavam disponíveis em seu tempo. Para além da influência do fascismo italiano, houve uma circularidade luso-brasileira em que os conservadorismos português e brasileiro estavam inseridos. Assim, formaram-se redes de sociabilidade intelectuais entre os dois países, que possibilitaram trocas e circulações de ideias (Gonçalves 2017).

Plínio Salgado desenvolveu relações com as direitas católicas e fascistas portuguesas, que serviram, em diversos momentos, como fonte de inspiração. Dentre elas, destaca-se o Integralismo Lusitano (IL), movimento de cunho nacionalista e corporativista (Cruz 1982; Pinto 1982), que promoveu inspiração política ao lado de outras matrizes, como a *Action Française*, a Doutrina Social da Igreja e a experiência prática do fascismo de Mussolini: «esses movimentos serviram de fundamentação para a construção política de uma organização fascista travestida de nacionalismo cristão, cujo único propósito era alcançar o poder máximo em torno do líder» (Gonçalves 2017: 92).

Nesse contexto, Salgado estabeleceu a maior organização fascista fora da Europa<sup>(3)</sup>, a Ação Integralista Brasileira (AIB), que atuou no cenário brasileiro entre 1932 e 1937 (Trindade 1974). Com a implementação do Estado Novo no Brasil, o intelectual partiu para Portugal em exílio,

---

(3) Compreende-se que o fascismo transcendeu a experiência na Europa, estabelecendo-se em diferentes contextos nacionais para além do universo europeu, marcado fundamentalmente pelas experiências italiana e alemã. Converte-se em direção à perspectiva desenvolvida por Griffin (2006), que apresenta uma interpretação a respeito do «fascismo genérico», e por Finchelstein (2019), cujo argumento é centrado na ideia de que o fascismo foi um fenômeno mundial e transnacional que assumiu diversas variantes nacionais e interpretações políticas.

que decorreu de 1939 a 1946. Dessa forma, após a influência lusitana na formação do pensamento do líder do fascismo brasileiro entre os anos 1920 e 1930, novamente o país ibérico passou a ter destaque na organização doutrinária de Plínio Salgado.

Durante a sua estadia em Portugal, o líder do integralismo brasileiro constituiu uma importante rede de relações político-intelectuais, sobretudo com a intelectualidade nacionalista que compunha as diversas correntes da direita portuguesa (Bertonha 2020). Nesse sentido, atuou significativamente no cenário lusitano, com diversas atividades, como a publicação em periódicos. Esse é o caso do jornal *A Nação*, semanário nacionalista editado após o fim da Segunda Guerra Mundial, que aglutinou as direitas simpatizantes do fascismo e do nacional-socialismo, derrotados em 1945. Este artigo tem como objetivo analisar a atuação de Plínio Salgado nesse periódico, que ocorreu após o seu retorno ao Brasil, em 1946. Ademais, tenciona-se explorar a crise financeira em torno do jornal e sua repercussão na figura do líder fascista. Por meio desse estudo de caso, é possível visualizar questões em torno do processo de reconfiguração do fascismo brasileiro no pós-guerra.

Plínio Salgado saiu do Brasil, em 22 de junho de 1939, rumo à Portugal. Desembarcou no cais de Alcântara, em Lisboa, no dia 7 de julho do mesmo ano. O país era um ambiente propício para o intelectual, notadamente pela bem-sucedida experiência de Salazar, que passou a ser modelo exemplar para o líder integralista. Desde o momento em que chegou em território português, buscou fomentar relações sociais e políticas. Residindo há dez dias no país, procurou aquele a que mais se assemelhava politicamente (Plínio Salgado 1939): Francisco Rolão Preto, que foi líder do Nacional-Sindicalismo (N/S), uma organização de cunho fascista oriunda de uma ramificação no interior do IL, cujo propósito era a radicalização do projeto nacionalista, corporativista, antiliberal e anticomunista (Pinto 2015).

As rápidas articulações de Salgado foram alvo de olhares investigativos da PVDE (Polícia de Vigilância e Defesa do Estado) e da Legião Portuguesa. Entretanto, o intelectual brasileiro não representava perigo à estabilidade do Estado Novo (Gonçalves 2017). Pelo contrário, apresentava um discurso cristão, que era elemento de convergência com os ideais do regime português. Foi por meio desse discurso que buscou a reconstrução do integralismo brasileiro, posto na ilegalidade no Brasil em 1937. Dessa forma, buscou utilizar o cristianismo e a palavra de Deus

como justificativa para práticas políticas, mascarando a tônica fascista da doutrina integralista.

A partir dessa nova visão, que centralizava a sua ação no pensamento religioso, criou um processo de aparições e divulgações políticas, o que alcançou níveis de grande repercussão em Portugal. Assim, obteve o posto de «quinto evangelista» e passou a ser definido como apóstolo, o que foi afirmado por Alberto de Monsaraz, ativo militante e precursor do ILE do N/S. O intelectual lusitano caracterizou o brasileiro como doutrinador católico, condutor dos povos, romeiro enamorado de Cristo, cavaleiro do Verbo, iluminado, portador da verdade, que iria propagar a palavra de Cristo, no reino do Espírito Santo, dando sequência aos atos dos quatro evangelistas (Monsaraz 1986: 182).

Essa associação com elementos da religiosidade foi intensificada em Portugal após 1942, com o lançamento do livro *Vida de Jesus* (1942; 1943), que obteve grande sucesso editorial. Com essa obra, o líder fascista brasileiro foi transformado em uma espécie de grande profeta da religiosidade luso-brasileira, conseguindo espaço para aparições constantes na imprensa lusitana. Sendo assim, observa-se que a presença de Plínio Salgado em Portugal não foi apagada, tímida e insignificante. Na realidade, suas palavras e ações eram exaltadas e, como consequência, ele era frequentemente convidado para banquetes, festas, eventos, conferências, conferindo certa notoriedade na sociedade portuguesa.

Nesse período, Salgado firmou-se como um político nato, com relações ambiciosas, que enxergava no discurso religioso uma unidade que poderia aglutinar, em torno da sua imagem, até mesmo opositores: estabeleceu relações amistosas com os mais diversos meios, inclusive grupos que apresentavam certa rivalidade política, como os monarquistas e republicanos. Essa rede relacional foi fulcral para que o intelectual brasileiro alcançasse o seu principal objetivo, a notoriedade.

A amizade construída com Monsenhor Francisco Moreira das Neves, por exemplo, foi substancial para promover a abertura intelectual à Plínio Salgado em Portugal. A partir de 1943, o líder fascista estabeleceu uma relação próxima com o então redator-chefe do jornal *Novidades*, que era também poeta e intelectual de destaque no cenário lusitano. A relação entre Salgado e Moreira das Neves pode ser identificada como um elemento fundamental para a compreensão do integralista no exílio, visto que o contato entre os dois foi transportado do elemento político-religioso, alcançando o espaço privado e transformando-os em confidentes.

O líder do fascismo brasileiro tornou-se um «protegido» do padre. Dessa forma, foi colocado para manifestar seus pensamentos conservadores em todas as possibilidades, desde conferências e notícias no jornal *Novidades* até participações na Rádio Renascença, emissora oficial da Igreja Católica. Nesse ambiente, impulsionado pela amizade com Moreira das Neves e pela publicação de *Vida de Jesus*, Plínio Salgado atuou política, intelectual e religiosamente em Portugal até 1946. Sua estadia no país representou um momento fundamental para a reestruturação do integralismo brasileiro.

Com o fim do período ditatorial brasileiro, Salgado retornou ao país de origem com a afirmação de ser um luso-brasileiro e passou a ser um defensor supremo da política de António de Oliveira Salazar (Gonçalves 2017). Nesse sentido, o integralista incorporou ao seu discurso a defesa de uma «democracia cristã», defendendo com veemência a sua implementação no novo ambiente que o Brasil vivia após o Estado Novo getulista. Essa proposta, cuja inspiração era advinda das ideias absorvidas em Portugal, tinha como base a antidemocracia. O modelo preconizado pelo Estado Novo português, que não estava caracterizado no rol do fascismo continental, possibilitou a sobrevivência de um ditador em um contexto de queda do autoritarismo na Europa (Pinto 2007).

De forma semelhante ao que ocorreu com Salgado no Brasil, a formação de Salazar foi assentada em uma gama de componentes doutrinários. Entretanto, a base central de seu pensamento, principalmente no período pós-guerra, apresentava como origem os ideais da «democracia cristã», na qual havia a fusão de interesses políticos e religiosos. Nesse contexto, o Centro Académico de Democracia Cristã (CADC)<sup>(4)</sup> colocou-se como uma de suas principais fontes. A «democracia cristã» empreendida pelo CADC «nada teria a ver com o conceito político de democracia, mas sim com

---

(4) O CADC foi oficialmente estabelecido entre 11 de abril de 1901 e 28 de outubro de 1971. Dentre os seus propósitos, buscava promover a obediência à hierarquia eclesiástica, o apartidarismo nacionalista e o corporativismo cristão baseado no nacional-catolicismo português. Da mesma forma, tinha como objetivo combater o republicanismo da Primeira República Portuguesa e as restrições impostas à Igreja Católica, o socialismo, a democracia liberal, o positivismo republicano e promover a proposta conservadora baseada na «democracia cristã». O Centro recebeu figuras proeminentes, como o integralista lusitano António Sardinha, frequentemente convidado para proferir palestras aos jovens de Coimbra, bem como António Oliveira Salazar (acadêmico de Direito) e Manuel Gonçalves Cerejeira (acadêmico em Direito e Teologia) (Nunes et al. 1993).

um conceito social (orgânico, corporativista) da mesma, enquanto outros afirmavam ser a democracia cristã um estado de espírito» (Barreto 1994: 131). Essa proposta, incorporada pelo ditador lusitano, foi fundamental para que o regime estado-novista em Portugal apresentasse maior estabilidade política, nomeadamente pela aproximação com a Igreja Católica.

Com a necessidade de apresentar um tom democrático em um novo contexto pós-Segunda Guerra Mundial, Plínio Salgado incorporou a proposta de «democracia cristã» portuguesa ao seu discurso, tanto no período de exílio como em seu retorno ao Brasil. Nessa conjuntura, o líder integralista proferiu uma conferência no CADC, em 08 de dezembro de 1944, na qual refletiu sobre uma nova proposta política convergente com a concepção defendida pelo CADC, que estava em consonância com os novos rumos do mundo cristão após a guerra. As discussões culminaram com a publicação do livro *O conceito cristão da democracia* (1945a; 1945b), em que propôs uma reformulação do projeto político integralista a partir dos debates desenvolvidos em Portugal. O conceito passou a ser presente nas ideias de Salgado, o que foi notado pela intelectualidade lusitana. Alberto de Monsaraz, por exemplo, apontou o autor como o detentor de uma palavra sábia, com condições claras de constituir um futuro digno e cristão:

Em *Conceito Cristão de Democracia* já não é nomeadamente o Apóstolo que ergue a voz; mas, sim, o Doutor da Igreja e o Doutor em Ciências Políticas que toma a palavra. O seu grande trabalho, duma lógica indestrutível na análise, duma incomparável clareza e elegância na forma, constituinte, sem dúvida, um dos melhores ensaios políticos nestas últimas décadas publicados em língua portuguesa. [...] Muito estimarei, creia, pelo que o estimo, considero e admiro e porque angustiosamente me interessa o futuro da nossa Juventude, que o meu caro Plínio Salgado continue, durante todo o tempo que ainda lhe reste passar em Portugal, a atacar assim, pela raiz, a erva daninha duma propaganda adversa, com absurda inconsciência consentida e que vemos, por forma assustadora, arraigar-se e frutificar, dia a dia, na alma da gente moça (Monsaraz 1945).

No contexto de regresso ao Brasil, portanto, a orientação política de Salgado foi consolidada em torno de uma doutrina marcada pelos ideais de «democracia cristã», concepção defendida nos preceitos da democracia orgânica do regime de Salazar. Isso porque, após congregar centenas de

milhares de fascistas no Brasil da década de 1930, o líder integralista precisou reestruturar-se em um momento no qual tais práticas não eram bem-aceitas, em decorrência do fim da Segunda Guerra Mundial. Dessa forma, buscou consolidar-se no meio político e intelectual por meio do Partido de Representação Popular (PRP), organização que tinha como objetivo manter os ideais fascistas em um ambiente democrático.

Apesar de ser um momento em que a prática neofascista global colocava-se na agenda como projeto reformulador após a crise advinda da derrota no conflito mundial, o ambiente não era favorável para a reestruturação do integralismo brasileiro. Embora o novo projeto não apresentasse a mesma força dos anos 1930, Salgado alcançou certa projeção no cenário brasileiro com o PRP. Em decorrência do fim da ditadura de Getúlio Vargas, o país caminhava para uma desconhecida democracia, apresentando um clima hostil e anti-integralista.

Nesse contexto, o líder do fascismo brasileiro buscou transferir o sucesso alcançado em Portugal a partir de um projeto político e cristão. Assim, a continuidade da política integralista, no período do pós-guerra, encontra explicações em uma mudança doutrinária, mas que não pode ser compreendida em uma perspectiva neofascista. Isso porque, ao investigar o integralismo, não é possível estabelecer uma divisão cronológica em torno da concepção fascismo e neofascismo a partir do marco pós-guerra, uma vez que a AIB termina em 1937, ou seja, em moldes institucionais o fascismo brasileiro desaparece antes mesmo do início do conflito (Caldeira Neto 2022a).

Em vista disso, há um debate em busca da compreensão do fenômeno em torno da particularidade brasileira: «Ainda que esteja manifesto o entendimento do <neofascismo tardio>, existe um projeto político que merece ser analisado com atenção em torno da discussão conceitual entre neofascismo e pós-fascismo: o PRP» (Caldeira Neto 2022b: 706). Esse partido, que buscava congregar os militantes em torno de um novo projeto político, «se movimentou a partir de questões típicas do contexto pós-fascista, mas não chegou a propor uma via tipicamente neofascista» (Caldeira Neto 2022a: 584).

A «necrofilia política integralista» contribuiu na compreensão do integralismo no decorrer dos anos que sucederam o período exitoso a partir da AIB (Fagundes 2012). Nesse sentido, há diversos elementos que auxiliam na compreensão da peculiaridade brasileira que se estabeleceu no contexto neofascista, como a morte do líder, Plínio Salgado, em 8 de

dezembro de 1975<sup>(5)</sup>. Dentro de um contexto que envolve vários elementos de representação política, a morte da principal força fascista brasileira do século obrigou os militantes a reorganizarem-se, principalmente em torno de projetos e ações, uma vez que havia a vacância de liderança (Gonçalves e Caldeira Neto 2022). Assim, estabeleceu-se o fenômeno neointegralista<sup>(6)</sup> (Caldeira Neto 2019; Gonçalves e Caldeira Neto 2022).

Em todos os períodos históricos do integralismo, buscou-se uma manutenção de projetos, ideais e proposições, mesmo com as modificações contextuais «que se dá no bojo desse neointegralismo, o integralismo após a morte de Plínio Salgado até os dias atuais» (Caldeira Neto 2021: 17). Com isso em vista, objetiva-se analisar o fascismo brasileiro após a Segunda Guerra Mundial, considerando o contexto global de neofascismo e o momento de retomada do integralismo no Brasil, que apresentava contestada credibilidade política, e a sua reafirmação, que ocorreu com auxílio da instrumentalização do conceito cristão de democracia. Por meio de um estudo de caso, em que se investiga o jornal *A Nação*, obtém-se uma visão pontual que possibilita a identificação do projeto fascista com a liderança máxima de Plínio Salgado, que idealizava uma profícua relação entre Brasil e Portugal.

### ***A Nação e a coluna «Carta de Princípios» de Plínio Salgado***

A prevalência espiritual-religiosa, com um discurso católico, que Plínio Salgado teve como projeto estruturante durante o exílio não foi o único legado de Portugal. A força e as relações lusitanas continuaram com o seu regresso ao Brasil, uma vez que os contatos e as relações sociais foram mantidos. Em discurso realizado na 2ª Convenção Nacional do PRP, que ocorreu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro em 27 de outubro

---

(5) Após a morte de Salgado, os neointegralistas iniciaram articulações políticas que são mantidas até a atualidade. Sobre o neointegralismo, os principais estudos foram desenvolvidos por Barbosa (2015), Caldeira Neto (2014), Carneiro (2007) e Gonçalves e Caldeira Neto (2022).

(6) Nos últimos anos, os estudos e reflexões sobre o neointegralismo passaram a ter projeção e destaque. Há ensaios, discussões e trabalhos que utilizam o termo sem a devida categorização e problematização. A partir dos estudos de Odilon Caldeira Neto (2014, 2021, 2022), passou a existir a possibilidade de estabelecer uma reflexão mais sólida e crítica com a conceitualização do termo neointegralismo, buscando, por meio de uma sólida indicação teórica, perspectivas sobre a forma de ação do fascismo brasileiro no decorrer dos séculos XX e XXI.

de 1946, Salgado (1946) fez uma referência afetuosa ao Embaixador do Brasil em Portugal, João Neves da Fontoura, mostrando as relações políticas criadas. Ademais, uma das principais ações que o intelectual brasileiro mantinha durante o exílio continuou com o seu regresso ao país de origem: constantemente, eram divulgadas matérias jornalísticas em referência ao seu nome e havia a publicação de artigos de sua autoria em periódicos lusitanos, como é o caso dos textos publicados em *A Nação*.

Esse jornal, organizado pelos irmãos João da Costa Figueira e Manuel da Costa Figueira, apresentou ao público a primeira edição em 23 de fevereiro de 1946, momento em que as forças do radicalismo nacionalista estavam dispersas e silenciadas pelo fim da Segunda Guerra Mundial. Com direção de José O'Neill, o semanário nacionalista conformou-se como a principal voz pública portuguesa da extrema direita no pós-guerra, apresentando em suas páginas

todas as peças da cultura integralista, contrarrevolucionária, de extrema direita, fascista, nazi, católico-tradicionista, republicano-ultradireitista ou monárquico-tradicionista que estruturarão o seu imaginário político (Marchi 2009: 17).

O periódico despertou o interesse de um número significativo de leitores, bem como de importantes intelectuais do período, como Alfredo Pimenta, que colaborou com a publicação. Em vista disso, tornou-se o ponto de encontro das diferentes correntes nacionalistas radicais portuguesas, que simpatizavam sobremaneira com o fascismo e o nacional-socialismo. Ademais, o semanário reservou uma atenção particular aos jovens, visualizando-os como o futuro do nacionalismo integralista e dos ideais militarmente derrotados em 1945 (Marchi 2009: 81).

Plínio Salgado possuía algumas relações com membros do jornal *A Nação*, o que pode ser observado em trechos que tecem comentários sobre o retorno do intelectual ao Brasil após o período de exílio, sobretudo acerca de um banquete oferecido em sua homenagem, que foi anunciado, inicialmente, na edição n. 22 de 20 de julho de 1946:

Um grupo de Nacionalistas portugueses oferece hoje um banquete de homenagem e despedida ao ilustre escritor e chefe político brasileiro Plínio Salgado. [...] assistirão numerosos admiradores do valoroso fundador do Integralismo Brasileiro (*Registro* 1946: 5).

Neste banquete, estavam presentes figuras da intelectualidade lusitana, como João de Castro Osório e Sebastião Dias. Ademais, o evento contou com a presença de um importante colaborador do periódico nacionalista, Joaquim Lança, que discursou em nome do semanário. Na edição n. 24 de *A Nação*, o discurso foi reproduzido e sinalizado como marcador de posição do jornal em relação ao contexto nacional e às relações com Plínio Salgado:

Conforme prometemos aos leitores, damos a seguir algumas notas do discurso de Joaquim Lança, improvisado com que, devidamente autorizado, marcou a posição do nosso jornal, no banquete de homenagem dos intelectuais portugueses ao insigne escritor e político brasileiro Plínio Salgado. O nosso camarada, em face da expectativa de uma parte da assistência, começou por definir: «[...] O que é e ao que vem o movimento político e social da *Nação*? Traduz apenas um *atitude*? Significa um *protesto*? Não! Nós somos uma *vanguarda*; atuamos, por isso, em todas as circunstâncias, como defensores intransigentes do espírito e da obra da Revolução Nacional [...]» [...] Vai V. Exa., Sr. Dr. Plínio Salgado, de regresso à sua Pátria gloriosa. Acompanha-o o nosso coração, agradecido. Vivendo na Europa há sete anos, pôde assim melhor avaliar a tragédia em que se afunda, dia a dia, o Ocidente latino e cristão [...] (*Algumas notas* 1946: 1-2).

O retorno do intelectual brasileiro ao seu país foi, ainda, noticiado em outra edição do semanário nacionalista: «O regresso de Plínio Salgado ao Brasil, clamorosamente festejado por multidões e por altíssimas individualidades de todas as classes sociais, deu o sinal de *reprise* do Movimento Integralista» (*Testemunhos* 1946: 10). Na sequência desse comentário, foi reproduzido um trecho de uma declaração de Salgado feita à Imprensa Brasileira no dia 29 de agosto de 1946, na qual dizia:

Estou convencido de que o problema econômico não poderá ser resolvido sem perfeita coordenação política, assim como a coordenação política não se poderá efetivar sem a coordenação dos espíritos. A coordenação dos espíritos só se realiza em função de ideias e pensamentos nitidamente preestabelecidos e capazes de empolgar os sentimentos nacionais [...]. Combater, por exemplo, o comunismo – que é a forma política do materialismo – mediante as formas agnósticas de uma política utilitária e sem Deus, não é somente um erro, mas também uma

imoralidade [...]. Cumpre, ainda, notar que combater o comunismo com atitudes e soluções comunizantes, como fazem certos partidos ou pessoas, é agir marxistamente fortalecendo a concepção materialista do mundo e da vida sob o rótulo de um falso cristianismo ou de um cristianismo inconsequente (*Testemunhos* 1946: 10).

A proposta do líder do integralismo brasileiro para combater o mal comunista estava centrada justamente na organização de uma agremiação política nacionalista, com um projeto cristão de democracia. Dessa forma, o PRP é fundado em torno desse propósito, conformando-se como um partido cristão e nacionalista, que apresentou o anticomunismo como um de seus pilares de sustentação e teve suas concepções consolidadas em Portugal para posterior organização no Brasil (Gonçalves 2017: 289).

Durante todo o período de existência do PRP, e utilizando-se dos mais diversos instrumentos, os integralistas buscaram sistematicamente a construção do «perigo comunista», associando o comunismo a imagens negativas e apontando sempre a iminência da «revolução comunista». Os argumentos utilizados, de maneira geral, retomavam os mesmos elementos já desenvolvidos pelos integralistas nos anos 1930 [...]. Outros argumentos buscavam uma adaptação ao novo contexto político do pós-guerra, em particular a tentativa de associação entre o comunismo e o nazismo [...] (Calil 2005: 763).

Esse discurso em torno da reorganização do integralismo brasileiro, sobretudo por parte de Plínio Salgado, estava em consonância com as pautas desenvolvidas em *A Nação*: o nacionalismo revolucionário defendido pela extrema direita portuguesa no periódico buscava fugir às atitudes meramente intelectuais, propondo-se a criar uma frente de batalha destinada a todos os que, defensores intransigentes do espírito e da obra da revolução nacional, sentissem a necessidade não só de levantar guarda contra inimigos externos, mas também de varrer inimigos e falsos amigos internos (Marchi 2009: 100). Nesse sentido, a decadência da modernidade era atribuída aos burgueses, maçons e judeus, caracterizados como os «inimigos ocultos». Relacionado a isso, o anticomunismo aparecia como um ponto central nas discussões nacionalistas do semanário, o que pode ser observado em textos como «A América Latina defende-se do comunismo» (Diss 1948: 9) e «Salvé Brasil!» (Lança 1947: 1).

Esses pontos de contato e as relações que estabeleceu em Portugal possibilitaram que, entre os meses de janeiro a abril de 1947, o intelectual brasileiro publicasse sete artigos no periódico<sup>(7)</sup>, em uma seção intitulada «Carta de Princípios». Esses textos eram oriundos da *Carta de princípios e programa do Partido de Representação Popular*, documentação aprovada na 2ª Convenção Nacional do PRP, em sessão de 26 de outubro de 1946<sup>(8)</sup>, na qual estavam sistematizados os «princípios fundamentais e permanentes, que informarão toda a ação política do Partido de Representação Popular» (Salgado 1955: 3), além de reforçar o vínculo entre o partido e a doutrina integralista, mesmo sem mencioná-la explicitamente (Calil 2005: 700).

Este documento, cujo propósito era «desencadear as forças profundas da Nação; para despertar o Brasil autêntico; e, reavivando as virtudes, os sentimentos e os anseios tradicionais da gente brasileira, fazer de nossa Terra a Grande Pátria que desejamos» (Salgado 1955: 1), apresentava ideias que versavam sobre «Pessoa humana e indivíduo humano», «A Liberdade», «A Propriedade Privada», «Trabalho», «A Família», «O Grupo Profissional», «O Município», «O Estado», «O Brasil», «Deus», seguidas do «Programa do Partido de Representação Popular».

Buscando o combate ao individualismo e ao totalitarismo, que seriam resolvidos por meio da subordinação do indivíduo humano ao Estado e da subordinação do Estado à pessoa humana, a *Carta de princípios* apresentava a ideia de que seria livre o homem que se sujeitasse «voluntariamente ao estado a fim de que o Estado possa melhor servi-lo» e associava a liberdade como «faculdade de aderir ao bem» (Salgado 1955: 8-9). Em complementariedade, o documento definia que o princípio da propriedade privada decorria da natureza humana, configurando-se como uma garantia econômica de liberdade, que deveria ser distribuída por meio da dignificação do trabalho e limitada pelo bem comum: «Nós proclamamos, contra o capitalismo extremado, a função social da propriedade; contra o comunismo, o direito do homem de ser pessoalmente proprietário» (Salgado 1955: 14).

---

(7) Na edição de 22 de fevereiro de 1947 de *A Nação*, Plínio Salgado foi indicado como um dos integrantes do elenco de redatores considerados o núcleo histórico do semanário, compondo uma lista com diversos nomes (Marchi 2009: 80).

(8) A investigação utiliza como referência a versão publicada em 1955 pelo Diretório Regional do Rio Grande do Sul, disponível no Acervo Documental AIB/PRP-DELFOSPUCRS.

Ademais, a carta integralista afirmava a existência de instituições naturais da sociedade, sendo os principais a família e o grupo profissional. Em relação à família, descrita também como grupo biológico, era indicada como «a primeira e mais importante das instituições sociais», sendo responsável por conservar o indivíduo e a espécie: «A família, pátria do coração, é por nós considerada fundamento de todo o edifício social, porque nela encontramos um resumo da sociedade inteira» (Salgado 1955: 19-20). O grupo profissional, por sua vez, organizava-se em função da «semelhança de interesses de ocupações, de cultura, de hábitos de vida, de modos de participar dos bens econômicos» que «cria, entre membros de uma mesma classe, a tendência a se agruparem de maneira mais íntima para o fim de promoverem seu bem comum particular» (Salgado 1955: 20).

Na sequência, o documento firmava a posição municipalista do PRP, indicando o município como «célula da nação»:

A nação e o município constituem os dois polos em torno dos quais gira a quase totalidade dos interesses dos cidadão e da Pátria [...]. Fortalecer os municípios é, pois, ao mesmo tempo, aumentar o bem comum e particular dos cidadãos e promover a expansão do organismo social (Salgado 1955: 22).

Este organismo social, quando governado, conformava-se como um Estado cuja competência seria «ditar e garantir a ordem – a verdadeira, a única ordem, isto é, aquela que condiciona e favorece a legítima expressão da personalidade humana» (Salgado 1955: 23).

A carta definia o verdadeiro Estado como «ético, anti-individualista e anti-totalitário. Sem ser princípio nem fim, ele é o Estado que se subordina à hierarquia natural das coisas» (Salgado 1955: 24). Nesse sentido, apenas ele seria capaz de garantir a verdadeira ordem democrática ao Brasil: «Levantamo-nos em um grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de tudo que é útil e belo, nos hábitos e costumes brasileiros» (Salgado 1955: 29). Por fim, Deus era posto como «o Primeiro Princípio, a Causa Suprema, a Fonte Inicial das ordens políticas», que emanava a «legitimidade dos governos, a autoridade do Estado, o poder dos governantes» (Salgado 1955: 30). Dessa forma, o partido firmava-se como espiritualista e cristão, indicando Deus como princípio e fim de sua doutrina política.

Para a publicação em *A Nação*, alguns trechos deste documento foram selecionados e reproduzidos na referida seção «Carta de Princípios», assinada pelo líder do integralismo brasileiro. Os artigos publicados no jornal nacionalista receberam títulos similares aos de algumas seções do documento integralista, sendo eles «A Liberdade» (1947a), «A Propriedade Privada» (1947b), «O Trabalho» (1947c), «A Família» (1947d), «Município» (1947e), «Nação e Estado» (1947f) e «Deus – Primeiro Princípio» (1947g).

Havia um debate em torno da reinvenção e reordenação do fascismo após a Segunda Guerra Mundial. Assim, a busca de um modelo neofascista era objeto de debates e estratégias. Entretanto, apesar da centralidade como aglutinador da extrema direita dos anos 1940, o periódico nacionalista radical não foi publicado por um longo período, sendo encerrado após crises que o colocavam como alvo de um processo criminal relacionado à conduta do diretor do jornal, José O’Neill Gouveia. Por ser um dos colaboradores da publicação, a situação de crise acabou refletindo em Plínio Salgado, que buscava sobrevida política a partir de um novo projeto fascista.

### **Plínio Salgado e a crise em *A Nação***

Apesar de *A Nação* ter apresentado considerável capacidade de reunir em seu entorno forças do radicalismo nacionalista, dispersas e silenciadas até então com o fim da Segunda Guerra Mundial, o processo de publicação não foi simples. Para além da hostilidade da opinião pública em relação às ideias derrotadas, dos indivíduos que compravam o jornal às escondidas e dos colaboradores que exigiam pseudônimos, a direção do periódico encontrou problemas relacionados a angariação de financiamento, o que era indispensável para a consolidação econômica do projeto (Marchi 2009: 83-84).

*A Nação* é confrontada bem cedo com dificuldades financeiras, não conseguindo mover aquelas ajudas e influências do regime de que no início tinha pensado poder aproveitar. [...] até Janeiro de 1948, nas páginas do semanário não aparecem denúncias flagrantes de falta de dinheiro e a publicação mantém-se sempre regular em periodicidade e qualidade. Portanto, pode supor-se que os capitais garantidos pessoalmente por José O’Neill nos três anos de direção, pelas subscrições, pelos pontuais

financiamentos de simpatizantes, pela angariação publicitária e pelas escassas ajudas do regime permitiram a sobrevivência do jornal, mas não evitaram a inexorável acumulação de passivos. [...] Aquando do segundo aniversário de *A Nação* [...] José O'Neill expressa, finalmente, a sua amargura pela total falta de ajuda e anuncia vontade de desistir do projeto, que se tornou demasiado oneroso (Marchi 2009: 84-87).

Em vista do conturbado panorama de dificuldade financeira, o diretor de *A Nação* optou por se retirar da direção da publicação. Nesse sentido, decretou, em 28 de outubro de 1948, o possível fim do periódico. Entretanto, o jornal nacionalista apresentou mais cinco números, dirigidos por Joaquim Lança. Em 27 de novembro de 1948, ocorreu a última publicação do semanário nacionalista da extrema direita, que terminou devido

[...] as dificuldades econômicas, a falta de ajudas esperadas do regime, a indisponibilidade da maioria do meio nacionalista radical em tomar responsabilidades de primeiro plano num projeto cujo radicalismo desperta muitas antipatias fora e dentro das estruturas do Estado Novo. No entanto, o golpe mortal foi o escândalo financeiro que vê como protagonista José O'Neill [...] (Marchi 2009: 89).

Por mais que fosse um dos colaboradores mais prestigiados do semanário, Lança não foi capaz de salvar o periódico por meio da direção provisória, uma vez que a imagem de *A Nação* acabou manchada pelo escândalo financeiro do antigo diretor: José O'Neill foi responsável pela apropriação de 3189 contos da Caixa de Providência do Pessoal da Indústria Corticeira, o que levou a sua prisão imediata (Marchi 2009: 89).

Após alguns anos, O'Neill fez um acordo e buscou reparações com Salazar, pois não era aconselhável manter rugas políticas com o Presidente do Conselho de Ministros. Por meio de correspondência enviada no período pós-prisão, jurou fidelidade a Salazar, tecendo elogios a seu governo: «Enquanto Vossa Excelência for Presidente do Conselho e seguro orientador da vida política portuguesa, (e Deus permita que o seja por larguíssimos anos!) o Estado será, efetivamente, pessoal de bem» (Gouveia 1954).

A imagem do semanário nacionalista, entretanto, ficou malvista na sociedade. Por mais que tenha sido um periódico de pequena circulação,

apresentava muitos nomes importantes da intelectualidade em seu quadro. O escândalo financeiro conferiu descrédito ao jornal, o que causou a fuga geral dos colaboradores mais próximos, bem como expôs «toda a área política radical às acusações dos que, dentro do regime, não suportavam as tendências nazifascistas da publicação» (Marchi 2009: 89), gerando grandes problemas.

Em decorrência das publicações realizadas em *A Nação*, Plínio Salgado foi afetado por esse contexto tumultuado, tendo seu nome vinculado à crise relacionada ao periódico conhecido publicamente por falcatruas e roubos contra o Estado. Em um relatório do Secretariado Nacional de Informação (SNI), o nome do intelectual brasileiro foi mencionado a partir de uma associação ao diretor do jornal:

Hitler e Mussolini tiveram missas mandadas rezar por O'Neill Gouveia e, para que o assunto das suas simpatias políticas fique melhor sublinhado, a *Associated Press* não deixa perder a oportunidade de colocar Plínio Salgado na mais íntima convivência com o ex-diretor da *Nação* [...] (Almeida 1948).

Essa situação poderia gerar consequências negativas em torno da sólida imagem de Salgado em Portugal, construída durante os sete anos que permaneceu no país. Nesse sentido, buscou impedir o alastramento da situação, sobretudo porque já enfrentava algumas críticas no cenário brasileiro, como a associação ao fascismo, trazendo problemas a sua figura, que passava por um projeto de reestruturação política do pós-guerra no Brasil, por meio da consolidação espiritualista do PRP.

Dessa forma, buscou contornar a crise a partir do contato com seu amigo Monsenhor Moreira das Neves, solicitando que este intermediasse a situação com José Soares da Fonseca, da *Associated Press de Lisboa*. Com esse contato, tencionava que a agência desmentisse qualquer relação com o diretor criminoso. Essa situação foi descrita no relatório da SNI, que ressaltou a preocupação de Plínio Salgado e a ação em torno da tentativa de justificar a presença dos seus textos em vários exemplares do semanário *A Nação*:

Ainda sobre o mesmo assunto, foi-nos facultada uma carta dirigida ao Rev. Padre Moreira das Neves pelo escritor brasileiro Plínio Salgado, da qual transcrevo o passo referente à correspondência da *Associated Press*:

«O correspondente da *Associated Press* em Lisboa fez-me uma perfídia nitidamente moscovita. Já não é a primeira vez que esse sujeito me dá trabalho. Imagine que agora passou para aqui um despacho dizendo que foi preso aí um tal O'Neill, (que eu só vi duas vezes, sendo uma quando me foi pedir uma colaboração, que nunca dei, razão pela qual ele andou publicando aí trechos de uns escritos meus publicados anteriormente no Brasil, não dizendo que transcrevia, e a outra vez no célebre banquete em que o seu grupo fez aquelas estripulias) e acrescentando, o tal correspondente, que eu sou íntimo amigo do tal e que estive recentemente hospedado na casa dele! Mande tirar uma fotocópia das contas que paguei no Tivoli, e se a *Associated Press* não desmentir o seu ímprobo correspondente, serei forçado a desmoralizar essa agência de informações, pondo a limpo essa perfídia e referindo-me a outras de que fui vítima quando estava exilado em Lisboa. Esse cavalheiro da *Associated Press* é o mesmo que tem mandado notícias tendenciosas e aqui publicadas sobre o Doutor Salazar e a política portuguesa e eu me admiro como as autoridades daí, havendo censura, permitem semelhantes coisas» (Almeida 1948).

Por meio deste relatório do SNI, que contém a carta-pedido de Salgado a Moreira das Neves, observa-se que o líder do fascismo brasileiro, seguramente, buscou construir uma narrativa na correspondência, cuja intenção era estabelecer uma imagem de vítima enganada por José O'Neill. Por mais que a reprodução de trechos de doutrinadores estrangeiros fosse uma prática comum entre os jornais nacionalistas, Plínio Salgado possuía uma ânsia por publicações e visibilidade. Nesse sentido, não havia motivos para que não houvesse a inserção de seus textos em um jornal da extrema direita, que possuía visibilidade considerável em Portugal, alcançando, nos seus dois anos de existência, cerca de 5.000 assinaturas e 20.000 leitores.

Ademais, por meio da rede de contatos nacionalistas que Salgado adquiriu no período do exílio, apresentava claras condições de ter conhecimento prévio de uma publicação desautorizada. Entretanto, a suposta insatisfação do intelectual brasileiro fez-se presente apenas após o episódio de O'Neill, no qual houve a associação direta de seu nome como colaborador orgânico de *A Nação*, por meio do argumento de que possuía relações com o diretor do periódico.

Como Plínio Salgado estava em processo de consolidação do seu novo partido no Brasil no âmbito pós-Segunda Guerra Mundial, buscou

distanciamento de qualquer tipo de problema político ou jurídico, sobretudo relacionado ao governo lusitano, visto que buscava ser um espelho de António de Oliveira Salazar. Dessa forma, o atrelamento do seu nome à José O'Neill Gouveia e ao semanário *A Nação* poderia ser um obstáculo para o projeto luso-brasileiro, que estava relacionado ao contexto de ressurgimentos e reorganizações neofascistas em uma escala global e era organizado em torno do PRP. Nesse partido, buscou dar continuidade a AIB, com apresentação de elementos de unidades entre movimentos que não expressassem palavras relacionadas ao passado fascista, como «fascismo», «totalitarismo», «autoritarismo» e «nazismo». Esse processo pode ser observado na *Carta de princípios*, cujo texto foi, em certa medida, reproduzido no periódico nacionalista português: a carta é finalizada com a expressão «Deus dirige o destino dos povos», que foi utilizada nos anos 1930 para abrir o documento de fundação do integralismo brasileiro, o *Manifesto de Outubro de 1932*.

Após anos de exílio e um ostracismo político, precisava afirmar-se cada vez mais em um ambiente democrático, o que fez por meio de uma reorganização do discurso, que passou a ser construído em torno de uma orientação cristã, inspirada sobretudo nas concepções do Estado Novo salazarista, mas sem negar seu passado político e cultural. Nesse sentido, buscou consolidar-se entre Brasil e Portugal, com a reestruturação partidária, demonstrando que o integralismo não deixou de existir com o encerramento da AIB e que o pensamento doutrinário do movimento estava no PRP.

### Considerações finais

Desde a fundação do fascismo no Brasil, na década de 1930, Plínio Salgado buscou estabelecer relações com Portugal, tendo em vista as circularidades luso-brasileiras e as significativas organizações portuguesas que influenciaram seu pensamento. Nesse período, António de Oliveira Salazar era uma figura admirada pelo líder brasileiro, sobretudo por ter compreendido uma experiência autoritária de sucesso.

Da mesma forma, o Estado Novo português tornou-se um exemplo a ser seguido, visto que era reconhecido pelos integralistas brasileiros por sua habilidade política em relação à aproximação com a Igreja Católica, bem como pelas ideias empreendidas em torno da «democracia cristã». Para Plínio Salgado (1935: 49), esses ideais estavam introjetados na

origem da AIB, sendo associados ao Estado Corporativo<sup>(9)</sup>. Entretanto, as reflexões acerca desse elemento foram solidificadas em Portugal, principalmente a partir do contato com CADC.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial e a queda dos fascismos, o Estado Novo de Salazar passou a ser reconhecido como um caminho de sobrevivência política. No caso do fascismo brasileiro, houve uma identificação com o salazarismo pautada pelo sentimento luso-brasileiro e pela visualização de uma proposta política similar que obteve sucesso. Ademais, «muitas semelhanças na trajetória e origem são notadas em um esforço comparativo entre o líder português e o chefe do integralismo brasileiro» (Gonçalves e Tanagino 2022: 215).

As relações de Plínio Salgado com Portugal foram fundamentais para a continuidade do integralismo brasileiro. No exílio, o líder fascista buscou o estabelecimento de um discurso cristão, que seria incontestável e possibilitaria a reconstrução do integralismo. Dessa forma, redefiniu a AIB a partir da reordenação do pensamento, das ações e das articulações políticas em torno do espiritualismo católico, o que inaugurou uma nova fase política baseada no cristianismo português.

Esse processo de reorganização, que culminou na fundação do PRP em 1945, não representou o estabelecimento de um novo movimento político desvinculado das ideias defendidas no período de vigência da AIB. Da mesma forma, não se configurou como um processo de desfascistização do integralismo brasileiro, deslocando-se do fenômeno global. Na verdade, o caso brasileiro apresenta uma particularidade, visto que houve a continuidade do discurso fascista, o que é inquestionável e pode ser observado na *Carta de princípios*, documento parcialmente publicado por Plínio Salgado no semanário nacionalista *A Nação*.

Após o exílio do líder integralista, havia um projeto político em curso no Brasil, além da necessidade de manter a imagem consagrada em Portugal. Entende-se, portanto, que a crise financeira enfrentada pelo

---

(9) A proposta de Estado integralista apresentava-se como capaz de desarticular o domínio dos coronéis, extinguir os partidos e integrar os estados federados pela força do Estado autoritário e transformar a economia capitalista-liberal a partir da força dirigente e interventora do corporativismo. Esse «corporativismo integral» propunha estabelecer um organismo étnico, político, econômico e cultural, detentor de uma cooperativa naturalmente estabelecida pela divisão do trabalho e de uma sociedade solidária constituída pelos trabalhadores do braço, do capital e da inteligência (Pacheco 2021).

jornal *A Nação* foi um imbróglio para Plínio Salgado, uma vez que era colaborador do periódico. Dessa forma, o intelectual brasileiro agiu em busca de distanciamento da crise, tendo em vista evitar que a articulação do jornal no contexto neofascista impactasse o fascismo brasileiro no período pós-guerra, prejudicando a construção de uma nova fase de radicalização política no Brasil.

## Fontes

- “Algumas notas do discurso de Joaquim Lança” (1946), *A Nação*, 10 agosto, 25, 1-2.
- Almeida, A. Tavares (1948, 09 dez). *Relatório a António de Oliveira Salazar: José O’Neill*. Arquivo Nacional Torre do Tombo/Arquivo Oliveira Salazar/CO/PC-23.
- Diss, José Sans y (1948). “A América Latina defende-se do Comunismo», *A Nação*, 17 abril, 112, 9.
- Gouveia, José O’Neill (1954, 02 jun.). *Correspondência a António de Oliveira Salazar*. Arquivo Nacional Torre do Tombo/ Arquivo Oliveira Salazar/CO/PC-23.
- Lança, Joaquim (1947). “Salvé Brasil!”, *A Nação*, 25 outubro, 88, 1.
- Monsaraz, Alberto de (1945, 15 jun.). *Correspondência a Plínio Salgado*. Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro/Fundo Plínio Salgado-PL 45.06.15.
- « — » (1986). “Vox Dei: a um quinto evangelista”, in Jose Baptista Carvalho (ed.), *Plínio Salgado: in memoriam*. São Paulo: Voz do oeste e Casa de Plínio Salgado, v. 2, 182.
- Plínio Salgado (1939, 17 jul.). Prontuário NT 4223/Processo 4262. Arquivo Nacional Torre do Tombo/Polícia Internacional de Defesa do Estado/ Direção Geral de Segurança.
- “Registro: Plínio Salgado” (1946), *A Nação*, 20 julho, 22, 5.
- Salazar, António de Oliveira (1962, 15 maio). *Diários*. Arquivo Nacional Torre do Tombo/ Arquivo Oliveira Salazar/1-59\_m0243.
- Salgado, Plínio (1935). *A doutrina do sigma*. São Paulo: Editora Verde-Amarelo.
- « — » (1942). *Vida de Jesus*. São Paulo: Panorama.
- « — » (1943). *Vida de Jesus*. Lisboa: Ática, 1943.
- « — » (1945a). *O conceito cristão da democracia*. Coimbra: Edições Estudos.
- « — » (1945b). *O conceito cristão da democracia*. São Paulo: Guanumby.

- « — » (1946). “Discurso no Teatro Municipal do Rio de Janeiro: encerramento da 2ª Convenção Nacional do Partido de Representação Popular em 27 out. 1946”, *A Manhã*, 02 novembro.
- « — » (1947a). “A Liberdade”, *A Nação*, 18 janeiro, 48, 2.
- « — » (1947b). “A Propriedade Privada”, *A Nação*, 25 janeiro, 49, 3.
- « — » (1947c). “O Trabalho”, *A Nação*, 08 fevereiro, 51.
- « — » (1947d). “A Família”, *A Nação*, 01 março, 54, 7.
- « — » (1947e). “Município”, *A Nação*, 08 março, 55, 10.
- « — » (1947f). “Nação e Estado”, *A Nação*, 05 abril, 59, 7.
- « — » (1947g). “Deus – Primeiro Princípio”, *A Nação*, 19 abril, 61, 3.
- « — » (1955). *Carta de princípios e programa do Partido de Representação Popular*. Porto Alegre: Edição do Diretório Regional do Rio Grande do Sul.
- « — » (1962). “Com Salazar aprende-se muito”, *Diário da Manhã*, 16 maio.
- “Testemunhos de um mundo novo” (1946), *A Nação*, 19 outubro, 35, 10.

## Bibliografia

- Barbosa, Jefferson Rodrigues (2015). *Chauvinismo e extrema direita: crítica aos herdeiros do sigma*. São Paulo: Editora Unesp.
- Barreto, José (1994). “Comunistas, católicos e os sindicatos sob Salazar”, *Análise Social*, 125-126, 287-317.
- Bertonha, João Fabio (2020). *Plínio Salgado (1895-1975). Fascismo e autoritarismo no Brasil do Século XX*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Caldeira Neto, Odilon (2014). *Sob o Signo do Sigma: Integralismo, Neointegralismo e o Antissemitismo*. Maringá: EDUEM.
- « — » (2021). “Neointegralismo: do debate historiográfico a uma possível definição”, *L’Ordinaire des Amériques*, 226, 1-20.
- « — » (2022a). “Neo-fascism in Brazil, from the local to the global?”, *Esboços: histórias em contextos globais*, 29, 52, 579-598.
- « — » (2022b). «O neofascismo no Brasil: entre escalas, abordagens e historicidade», *Esboços: histórias em contextos globais*, 29, 52, 702-709.
- Calil, Gilberto Grassi (2005). *O integralismo no processo político brasileiro – O PRP entre 1945 e 1965: Cães de Guarda da Ordem Burguesa*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense e Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

- Carneiro, Márcia Regina da Silva Ramos (2007). *Do sigma ao sigma – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense.
- Cruz, Manuel Braga da (1982). O integralismo lusitano nas origens do salazarismo, *Análise Social*, 70, 137-182.
- Fagundes, Pedro Ernesto (2012). “Morte e memória: a necrofilia política da Ação Integralista Brasileira (AIB)”, *Varia Historia*, 28, 48, 889-909.
- Finchelstein, Federico (2019). *Do fascismo ao populismo na história*. São Paulo: Almedina.
- Gonçalves, Leandro Pereira (2017). *Plínio Salgado: um católico integralista entre Portugal e o Brasil (1895-1975)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- « — » e Caldeira Neto, Odilon (2022). *Fascism in Brazil: From Integralism to Bolsonaro*. New York and London: Routledge.
- « — » e Tanagino, Pedro Ivo Dias (2022). “Católicos e fascistas no Brasil: a influência transnacional do corporativismo e do Estado Novo salazarista nos anos trinta”, in António Costa Pinto (coord.), *O Estado Novo de Salazar: uma terceira via autoritária na era do fascismo*. Coimbra: Edições 70, 195-220.
- Griffin, Roger (2006). *The Nature of Fascism*. New York and London: Routledge.
- Loff, Manuel (2008). «O nosso século é fascista!» – *O mundo visto por Salazar e Franco (1936-1945)*. Porto: Campo das Letras.
- Marchi, Riccardo (2009). *Folhas Ultra: as ideias da direita radical portuguesa (1939-1950)*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.
- Nunes, João Paulo Avelãs, Seabra, Jorge e Amaro, António Rafael (1993). *O C.A.D.C. de Coimbra, a democracia cristã e os inícios do Estado Novo (1905-1934)*. Coimbra: Faculdade de Letras.
- Pacheco, Gabriela Santi (2021). *Panorama e o projeto integralista: uma análise da revista intelectual*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora.
- Pinto, António Costa (1982). “A formação do integralismo lusitano (1907-17)”, *Análise Social*, 17, 72, 1409-1419.
- « — » (1992). *O salazarismo e o fascismo europeu: problemas de interpretação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Estampa.
- « — » (2007). “O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos 1930 do século XX”, in Francisco Carlos Palomanes Martinho e António Costa Pinto (orgs.), *O corporativismo em português: estado, política e sociedade no salazarismo e no varguismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- « — » (2015). *Os camisas azuis e Salazar: Rolão Preto e o fascismo em Portugal*. Lisboa: Edições 70.
- Rosas, Fernando (1989). "Cinco pontos em torno do estudo comparado do fascismo", *Vértice*, Coimbra, 13, 21-29.
- Torgal, Luís Reis (2009). *Estados Novos Estado Novo: ensaios de História Política e Cultural*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Trindade, Hégio (1974). *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.